

**ESTRELAS E SUAS ÓRBITAS: FAÍSCAS-APONTAMENTOS SOBRE ALGUMA
ANTROPOLOGIA NEGRA¹**

Stars and Their Orbits: Sparks-Notes on Some Black Anthropology

Estrellas y sus Órbitas: Chispas-Apuntes sobre Alguna Antropología Negra

Denise Ferreira da Costa Cruz Doutora em Antropologia Social, Docente da Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

E-mail: denisecruz@unilab.edu.br

Áltera, João Pessoa, Número 18, 2024, e01808, p. 1-17.

ISSN 2447-9837



¹ O presente ensaio é decorrente da fala proferida na aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB, realizado no dia 30/08/2024.

RESUMO:

O presente ensaio literário-político tem por objetivo lançar pequenas faíscas-apontamentos acerca da produção antropológica negra histórica a partir da obra de Antenor Firmin. Argumenta-se que o apagamento comum dirigido às nossas produções acarreta uma necessidade de estarmos sempre nos repetindo e dizendo o óbvio sem conseguirmos avançar em nossas discussões. Cabe destacar que nem sempre estamos afirmando o óbvio a partir de perspectivas teóricas comuns, o que atesta a voz coletiva de nossas reivindicações. O material utilizado para construir essa narrativa foi a bibliografia proposta pelo Professor Doutor Messias Basques no projeto “Vozes Negras na Antropologia”. Trata-se de um sobrevoo inicial sobre essas obras e suas contribuições, mas também de um esboço de proposta de para repensar a Antropologia.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia Negra. Epistemicídio. Pensamento negro. Teoria Antropológica.

ABSTRACT:

The purpose of this literary-political essay is to spark small insights into the historical Black anthropological production based on the work of Antenor Firmin. It is argued that the frequent erasure directed at our productions results in a constant need to repeat ourselves and state the obvious, preventing us from advancing in our discussions. It is important to note that we are not always stating the obvious from common theoretical perspectives, which underscores the collective voice of our claims. The material used to construct this narrative was the bibliography proposed by Professor Dr. Messias Basques in the project “Black Voices in Anthropology”. This is an initial overview of these works and their contributions, but also a starting point for a proposal to rethink Anthropology.

KEYWORDS: Black Anthropology. Epistemicide. Black thought. Anthropological Theory.



RESUMEN:

El presente ensayo literario-político tiene como objetivo lanzar pequeñas chispas-apuntes sobre la producción antropológica negra histórica a partir de la obra de Antenor Firmin. Se argumenta que el borrado común dirigido a nuestras producciones conlleva la necesidad de estar siempre repitiéndonos y diciendo lo obvio, sin poder avanzar en nuestras discusiones. Cabe destacar que no siempre estamos afirmando lo obvio desde perspectivas teóricas comunes, lo que demuestra la voz colectiva de nuestras reivindicaciones. El material utilizado para construir esta narrativa fue la bibliografía propuesta por el Profesor Doctor Messias Basques en el proyecto “Voces Negras en la Antropología”. Se trata de un primer sobrevuelo sobre estas obras y sus contribuciones, pero también de un esbozo de propuesta para repensar la Antropología.

PALABRAS CLAVE: Antropología negra. Epistemicidio. Pensamiento negro. Teoría Antropológica.



INTRODUÇÃO

O tempo é interrompido de forma brusca e constante quando refletimos sobre a trajetória do pensamento negro no contexto acadêmico. O já amplamente discutido epistemicídio, denunciado pela professora Sueli Carneiro em 2023, impede o avanço de nossas reflexões e contribuições ao pensamento acadêmico canônico, que nos rejeita e mantém nosso pensamento suspenso, orbitando e retornando como ventos de estrelas que nunca cessam de se mover. É importante, contudo, destacar que essas estrelas vêm, há anos, se movimentando e buscando brilhar, apesar do apagamento que sofreram e continuam a sofrer ao longo do tempo.

Destaco que há uma diferença entre o pensamento acadêmico e o pensamento que ocorre fora desse espaço institucional. A meu ver, essa diferença está, sobretudo, no campo das relações de poder institucional. Esse poder institucional não é banal, nem tampouco incapaz de produzir realidades. Quando pessoas subalternizadas ocupam esses espaços, eles tendem a perder parte de sua força e capacidade de exercer poder, mas, ainda assim, continuam a exercê-lo. Embora um pensamento se alimente do outro, é importante esclarecer que o pensamento negro (em sua ampla diversidade) não se resume ao que é produzido nesse espaço de construção do saber que é a academia. Trata-se, portanto, de um pensamento que realiza uma íntima relação entre teoria e prática, entre militância e produção científica. Interessa-me, aqui, discutir esse campo institucional sem, no entanto, excluir o campo dos saberes populares que, como afirma Orlando Nilha (2021) sobre Conceição Evaristo, “mesmo que sua moradia fosse vazia de bens materiais, ‘era repleta de palavras’”. Ou seja, pretendo enfatizar o conhecimento e suas relações de poder inseridas institucionalmente, sem esquecer que os saberes que não estão nesse universo – que se pretende diverso, mas que, na prática, é extremamente provinciano (Grosfoguel, 2016) – existem e são vibrantes.

Escolhi as metáforas das estrelas e seus universos cósmicos em torno de uma Antropologia Negra em homenagem ao meu amigo Lucas Pereira, que é astrólogo, além de antropólogo. Afinal, fui acolhida por ele quando esbocei a primeira reflexão que apresento neste texto. Assim, traço caminhos de afeto. O afeto não é menos importante quando se trata de uma Antropologia Negra. Como costuma dizer a professora Vera Rodrigues, estamos realizando uma troca política, teórica e afetiva ao delinear nossas trajetórias acadêmicas. Também escolhi o termo em homenagem a Beatriz do Nascimento, a partir de seus poemas reunidos no livro *Todas [as]*



distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento, organizado por Alex Ratts e a filha de Beatriz, Bethânia Gomes (2015). Nesse livro, encontram-se alguns poemas lunares e cósmicos que me fazem crer que essa metáfora é adequada para refletir sobre as temporalidades de nosso pensamento negro. Penso que nossa antropologia, essa antropologia adjetivada, pois corporificada e racializada, é como a Estela nesse poema de Beatriz Nascimento (2015, p.75):

Querer bem
[03.01.1987]

Estela tu és estrela
Que com as outras caminhas
Em busca de um riso solto
De um se fechar quase roto
De prenúncios de luz

Estela tu tens estrelas
Que viajam por um passo-rito
De dores quase mitos
Se constroem em teu silêncio

Em ofuscante neon
Regozizam teu futuro
Rememoram teu passado
Repercutem em teu presente

Em torno de ti
Duas luas
Transitam quase dunas
Esperando ver-te brilhar

Referencio ainda Maya Angelou (2024) em *Até as estrelas parecem solitárias*. Nesse texto, a autora aborda a solidão, a perda e a resiliência, utilizando a metáfora cósmica como âncora. É interessante notar que, mesmo em um mundo repleto de pessoas, podemos nos sentir solitários e sem a oportunidade de compartilhar nosso brilho, sobretudo em ambientes onde a presença coletiva é desestimulada. O presente ensaio teórico-literário tem como objetivo lançar pequenas faíscas e apontamen-



tos sobre as contribuições de trabalhos de autoria negra para a antropologia, a partir da bibliografia oferecida pelo curso “Vozes Negras na Antropologia”, ministrado pelo professor Messias Basques em parceria com a Unilab, no canal Youtube, em 2020. No entanto, também extrapolarei esse conjunto, trazendo diversas outras referências literárias que contextualizam e coletivizam o fazer antropológico que nunca está isolado. Desejo evidenciar como esses autores contribuíram teoricamente para a Antropologia, sendo a questão racial não apenas um recorte, mas um aspecto fundante da modernidade. Ressalto ainda que a Antropologia Negra não apenas denunciou o racismo, como alguns sugerem, mas também trouxe grandes colaborações metodológicas, teóricas e epistemológicas que permanecem relevantes até hoje. Contudo, essas contribuições não tiveram a oportunidade de solidificar seu pensamento devido a um projeto de destruição que o impediu.

Inspirada por Hanna Vasconcelos (2023) em seu texto “Imaginando reencontros negros num tempo chamado ontem-hoje-amanhã”, desejo refletir sobre o fato de que muitas de “nossas” ideias habitaram buracos negros que nos impediram de avançar em nossas reflexões e lutas políticas. Assim, podemos imaginar espaços nesse tempo ontem-hoje-amanhã em que esses autores e autoras se encontram e produzem reflexões que fazem sentido a partir de uma coletividade. Mais do que isso, quero considerar que nosso tempo é cíclico e que, mesmo vivendo em temporalidades distintas, nossa intelectualidade precedente ainda teria muito a nos ensinar sobre questões que não avançam devido ao nosso confinamento como pessoas subalternizadas neste mundo antinegro. Sabemos que nosso tempo é espiralado, mas desejo destacar os vaivéns de nosso pensamento, provocados por movimentos que ofuscam nosso brilho. Vamos a eles.

ANTENOR FIRMIN: A REVOLUÇÃO DO HAITI COMO PARTIDA PARA O PENSAMENTO ANTROPOLÓGICO

O que aconteceria se nossos cursos introdutórios de Antropologia partissem do embate entre duas obras oitocentistas que, devido ao seu antagonismo, fizessem com que grande parte do pensamento antropológico respondesse ao imbróglio da questão racial? E se apresentássemos a Antropologia a partir um autor haitiano que propôs que a África – que passava pelo seu período de partilha colonial quando da produção de sua obra – fosse reconstituída a partir do exemplo da Revolução do Haiti? O que emergiria em nossas aulas se introduzíssemos autores que partem de ideais de igualdade e combate ao racismo ao invés de partirmos de ideias evolucionistas que queremos ver superadas? E mais: o que aconteceria se confrontássemos teorias



a fim de mostrar para nossos estudantes a complexidade das guerras de narrativas – nada lineares, nem sequer superadas? Esses são os desafios que enfrento ao lecionar no curso de Bacharelado em Antropologia da Unilab Ceará. É a partir das reflexões que emergem de uma sala multirracial e multiétnica que irei fazer as reflexões aqui presentes. Começo, por Antenor Firmin.

Antenor Firmin produziu uma antropologia positiva em 1885, um período em que nossa ciência ainda não era sequer institucionalizada. Sabemos que suas contribuições giram em torno do trabalho de desconstrução do racismo científico e da elaboração do que poderia ser considerado uma gênese da crítica ao conceito de raça forjado no início do século XIX (Fluehr-Lobban, 2000). Somente esse feito já confere ao seu trabalho uma grandiosa contribuição. É importante destacar que Firmin não escreveu o livro *De l'égalité des races humaines* [Sobre a igualdade das raças humanas] (1885) como um projeto espontaneamente pensado por ele, mas como uma resposta política necessária a um momento em que o racismo científico avançava institucionalmente. Ele menciona em sua obra que ficou surpreso com as teorias racistas que emergiram na Europa no final do século XVIII e, a partir do espanto, ele responde teoricamente às questões colocadas naquele momento. Essa resposta a questões que nos são caras não é incomum à intelectualidade negra. Quantos de nós não fomos convocados a refletir sobre as questões raciais não por um desejo inicial, mas como uma resposta urgente às questões que nos cercavam? Da minha parte, conheço muitos deles.

O trabalho de Antenor Firmin (1992) confronta diretamente o texto de Arthur de Gobineau, *Ensaio sobre a desigualdade das raças*, publicado na Europa entre 1853 e 1855. A tese de Gobineau defendia a hierarquia entre as raças humanas e inspirou grande parte do pensamento evolucionista que buscamos rechaçar nos cursos de Antropologia. Os livros de Gobineau tiveram uma tiragem imensa, sendo amplamente difundidos pela Europa, enquanto o livro de Firmin, escrito trinta anos depois, não teve a mesma circulação. Essas duas obras podem ser consideradas antagônicas se pensarmos que, com as ferramentas da produção científica da época, Firmin asseverou que as raças humanas não são hierarquizadas, mas sim iguais em sua constituição, criticando os estudos de craniometria e antropometria então vigentes. É importante mencionar a presença de Firmin em Paris como um homem negro haitiano e todos os significados disso para uma Europa que havia ficado aterrorizada com a Revolução do Haiti (1791- 1804). O embargo intelectual imposto aos autores haitianos foi direcionado à obra de Firmin, que não foi bem recebida na época e acabou sendo esquecida anos depois.

Mais tarde, muitos outros autores produziram teses que desconstruíam o ra-



cismo científico, como que para reiterar um assunto sobre o qual a produção institucional não havia chegado a um consenso – ou, pelo menos, que demorou décadas para entender sua real dimensão. Menciono, por exemplo, o trabalho de Cheikh Anta Diop (1993) que, sob outras perspectivas e outras questões, abordou a anterioridade africana na constituição da humanidade, o que representou um marco na colaboração para a derrota do racismo científico e que foi igualmente chamado de afrocêntrico muitos anos mais tarde. Mais uma vez, o óbvio precisou ser dito, como se nossas afirmações não ecoassem com força suficiente para superar certas concepções. É importante mencionar que Firmin discorre sobre a importância do Egito em sua obra, tema discutido a fundo por Diop em seu estudo de 1948. Quando se trata da Antropologia e da crítica ao conceito de raça, geralmente pensamos em Franz Boas (1940) como um dos autores que mais colaborou para enfrentar esse conceito e os desdobramentos de seu uso, e não em Antenor Firmin. No entanto, muitas coisas foram ditas por nosso antropólogo haitiano, que não estava produzindo sozinho, nem de forma deslocada da realidade vigente da época.

Lembremos que anos antes da publicação de sua obra o mundo negro africano e diaspórico vivia uma verdadeira efervescência política que influenciou fortemente o pensamento desse autor. Poderíamos mencionar que, por exemplo, o Reino Zulu resistia à invasão britânica através da famosa guerra Anglo-Zulu.¹ Essa guerra terminou com a derrota dos zulus e a anexação de seu território. No entanto, mesmo após a derrota, as populações zulus e outros grupos do sul da África continuaram lutando contra o domínio colonial. Houve na mesma época a Resistência Mahdista no Sudão.² A partir do movimento liderado por Muhammad Ahmad al-Mahdi houve uma revolta contra o controle egípcio e britânico, culminando na captura de Cartum em 1885 e no estabelecimento de um estado independente sob controle mahdista. No mesmo período o Congo Belga demonstrava resistência contra o regime do Rei Leopoldo II da Bélgica a partir de revoltas locais que durariam até o século XX. Em 1885, o Haiti, onde a escravidão havia sido abolida desde 1804 com a Revolução Haitiana, continuava sendo um símbolo global de resistência negra e anticolonialismo.³ Embora o movimento pan-africanista como o conhecemos estivesse ainda em seus estágios iniciais, líderes afrodescendentes nas diásporas estavam começando a articular uma visão de solidariedade global entre os povos negros. A ideia de uma luta conjunta contra o colonialismo e o racismo viria a ganhar força nas décadas seguintes, mas já existiam pensadores e ativistas nesse período lançando as bases para o movimento. No mes-

1 A esse respeito, ver Salih (1969).

2 A esse respeito, ver Salih (1969).

3 A esse respeito, ver James (1938).



mo período a Etiópia, sob o imperador Menelik II, estava se preparando para resistir à invasão italiana, que culminaria na famosa Batalha de Adwa em 1896, na qual as forças etíopes derrotariam os italianos, mantendo a Etiópia independente e tornando-a um símbolo de resistência africana contra o colonialismo.⁴ Em várias partes da África Ocidental, grupos como o império de Samory Touré, que lutava contra os franceses, e outras lideranças locais continuavam a resistir à penetração colonial através de uma combinação de alianças diplomáticas e guerras de resistência.⁵

O Brasil, como sabemos, foi o último país das Américas a abolir a escravidão, logo depois de Cuba, o que ocorreria oficialmente em 1888 com a Lei Áurea. No entanto, em 1885, o movimento abolicionista estava em pleno vigor. Grupos de negros libertos, intelectuais e ativistas abolicionistas, como Luís Gama e José do Patrocínio, desempenharam papéis fundamentais na luta pela abolição da escravidão e na defesa dos direitos dos negros.⁶ Nos EUA a escravidão havia sido abolida em 1865 com a 13ª Emenda à Constituição dos Estados Unidos, mas em 1885 a população negra ainda enfrentava a Reconstrução e as Leis Jim Crow no sul do país, que impunham segregação racial e a privação de direitos civis. Lideranças negras como Frederick Douglass continuavam a lutar pela plena cidadania e igualdade de direitos para os afro-americanos. No Caribe, após a abolição da escravidão na década de 1830 pelos britânicos, as populações afrodescendentes continuavam a lutar por direitos trabalhistas e por melhores condições de vida nas ex-colônias. Essas lutas seriam precursoras dos movimentos por independência no século XX.

Trouxe propositadamente um pouco dessas histórias porque todas elas, suas rebeliões e seus processos, ecoam nas independências nas Américas, provavelmente inspirando intelectuais que estavam produzindo na época em que Firmin (1885) escrevia sobre a igualdade das raças humanas. Sabemos muito pouco sobre essas histórias nas escolas brasileiras, e há motivos para isso, assim como há razões para não estudarmos Firmin. Ao lecionar Antropologia na Unilab, sou obrigada a fazer pausas consideráveis para falar sobre a história das sociedades africanas e diaspóricas, pois o desconhecimento é geral, tanto entre alunos cearenses quanto entre alunos africanos. Por vezes, precisamos abrir o mapa do continente, que é pouquíssimo familiar para os estudantes. Felizmente, na Unilab, conto com muitos outros colegas que trabalham com questões relacionadas ao continente, pois o que se observa nas universidades brasileiras é um generalizado desconhecimento dessa região do mundo.

O trabalho de Firmin, a despeito do embargo intelectual de que é vítima, pos-

4 A esse respeito, ver Mekouria (1994).

5 A esse respeito, ver Person (1968-1975).

6 A esse respeito, ver Nascimento (1978).



sui extrema relevância. Para Fluehr-Lobban (2000), Firmin pode ser colocado ao lado de outros acadêmicos haitianos e da diáspora de sua época, como a título de exemplo, o escritor haitiano Louis-Joseph Janvier, que publicou o ensaio *L'Égalité des Races* [A igualdade das raças] em 1884, além de outros contemporâneos que são amplamente reconhecidos em *A Igualdade das Raças Humanas*, como Jean Demesvar Delorme, Jacques-Nicolas Leger e Joseph Manigat. Ademais, Hannibal Price escreveu a importante obra *De la Rehabilitation de la Race Noire par la Republique d'Haiti* [Da reabilitação da raça negra pela República do Haiti] em 1900, e um contemporâneo de Firmin que escrevia em inglês, Martin R. Delany, publicou o ensaio *Principia of Ethnology: The Origin of Races and Color* [Princípios de Etnologia: a origem das raças e da cor] em 1879 (Fluehr-Lobban, 2000).

Dentre outras contribuições de Firmin (1992), podemos afirmar que ele já advogava pela tese de que os estudos africanos não poderiam estar apartados dos estudos de suas diásporas. Ele não aborda isso de forma categórica ou explícita, ou como uma bandeira a ser defendida, mas considera essa relação como algo dado e irrevogável. Podemos pensar que a separação desses mundos é caracterizada pelo próprio processo de rompimento das linhagens africanas no contexto do tráfico atlântico. Observamos na produção intelectual uma continuidade desse projeto de ruptura entre essas realidades, agora manifestada na forma de apagamento de nossa produção. Em 1918, Manuel Querino, mais uma vez tendo que afirmar o óbvio, escreveu *O colono preto como fator da civilização brasileira* como uma tentativa de vincular essas realidades de forma tão forte, revelando um contínuo indiscutível e uma ligação linhageira entre a África e sua diáspora. No caso do Brasil, a título de exemplo, esses estudos africanos e diaspóricos também foram considerados como elos institucionalmente inseparáveis em 1973, com a fundação do Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA) da Faculdade Candido Mendes, no Rio de Janeiro, por José Maria Nunes Pereira, historiador, que mais tarde defendeu a dissertação *Os estudos africanos no Brasil e as relações com a África – um estudo de caso: o CEAA (1973-1986)*. Ou seja, sete décadas depois, estávamos reelaborando algo que já havia sido reconhecido como dado em 1885. Contudo, até hoje os estudos africanos têm dificuldade em considerar esses universos como inseparáveis. Observamos que os estudos africanos são geralmente abordados como algo desvinculado de suas diásporas. Às vezes, essa possibilidade de vinculação é reconhecida apenas a partir das divergências, como quando nos dizem que “negros afrodiáspóricos querem ensinar às pessoas do continente!”

Há de se destacar que o Codesria (Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais na África) declarou, em 2006, que a diáspora africana faria parte da sexta região do continente africano. Esse reconhecimento ocorreu durante



a 6ª Conferência Geral da União Africana, realizada em Cartum, Sudão. A decisão da União Africana (UA) de incluir a diáspora africana como a “sexta região” do continente foi um marco importante. Tradicionalmente, a UA considerava cinco regiões geográficas do continente (Norte, Oeste, Leste, Centro e Sul); no entanto, com essa decisão, a importância da diáspora africana foi reconhecida como parte integral das dinâmicas sociais, econômicas e políticas da África, promovendo uma maior colaboração e integração entre a África continental e suas populações fora do continente.

Firmin ainda aborda um tema que, até hoje, é considerado marginal na literatura antropológica hegemônica: a beleza. Ele argumenta que a beleza e as concepções de beleza variam de uma cultura para outra, não podendo ser universalizadas. Firmin (1992) discorre sobre as percepções do belo na sociedade haitiana, enfatizando que não há uma raça mais bela que a outra. Além disso, destaca que não podemos desconsiderar o tema da beleza, uma vez que ele está no cerne das formulações sobre as diferenças entre as humanidades. Esse assunto, no entanto, raramente é considerado fundamental para as discussões sobre alteridade e diversidade cultural na Antropologia, tendo sido reiteradamente marginalizado e pouco discutido na antropologia canônica. Quero reivindicar o tema da beleza como um tópico clássico na Antropologia e refletir que, a partir dessas concepções, estamos construindo relações entre mundos. Por que não considerarmos que a destruição de nossa beleza é a negação de nossa humanidade? E o que dizer dos estudos sobre beleza no Brasil, geralmente relegados à marginalidade, fazendo com que as pesquisadoras desse tema mais uma vez tenham que expressar o óbvio? (Bento, 2022) É interessante notar que se trata de um homem abordando esse tema, que é frequentemente protagonizado por mulheres, especialmente mulheres negras na contemporaneidade. Um homem tratar desse assunto e trazê-lo a partir de uma discussão fundamental sobre as diferenças entre as humanidades é algo digno de destaque.

Considero que inserir Firmin (1992) na discussão sobre o início da disciplina antropológica é reconhecer a raça como um conceito fundamental para as elaborações antropológicas posteriores. Partir da Revolução do Haiti como modelo para refletir sobre as questões que emergiam no período em que sua obra estava sendo escrita é conceber a possibilidade de uma Antropologia antirracista e engajada. Essa abordagem também possibilita o início de um debate sobre as lutas negras, suas estratégias e pautas. Abordar a Antropologia a partir desse ponto poderia nos abrir para a possibilidade de lidar com questões que têm eclodido em sala de aula nesses últimos anos, relacionadas às políticas de ações afirmativas, promovendo uma Antropologia afinada com as demandas negras. Obviamente, essa postura marca um posicionamento político no interior da Antropologia, promovendo uma Antropologia Negra em suas



diversas acepções.

CAMINHANDO PARA UM DESFECHO

No texto de Ribeiro (2021), há uma definição da Antropologia Negra como uma antropologia realizada por pessoas negras. Concordo com essa elaboração e acrescento que ela é negra porque se situa em uma corporalidade específica e coloca a questão racial no centro das relações contemporâneas. Mais uma vez: a raça deve ser pensada como algo que transcende o sujeito racializado e extraída das relações que a sustentam. Essas relações estruturam nossas formas de viver, pensar subjetivamente e hierarquizar na sociedade moderna (Carneiro, 2023). A raça, portanto, não deve ser vista apenas como um recorte abordado em uma ou duas aulas; ela é o fundamento da modernidade e deve ser considerada assim.

É importante destacar que essa definição de Antropologia Negra brasileira difere um pouco daquela proposta pela Associação dos Antropólogos Negros (ABA) estadunidense, que existe desde a década de 1970. Para a ABA, a Antropologia Negra é aquela que existe para a luta pela emancipação do povo negro. Se a Antropologia Negra não está engajada, ela se torna apenas mais uma antropologia. O caráter político em ambos os contextos é, portanto, um pouco distinto.

Em minha perspectiva, a Antropologia realizada por antropólogas e antropólogos negros já possui um caráter político intrínseco, uma vez que somos constantemente impedidos de realizar nossas pesquisas. Inserir nossa luta no contexto acadêmico é, necessariamente, parte desse engajamento. Saliento ainda que essa definição está datada e reflete um diálogo produzido hoje, em 2024, ano em que nos articulamos em uma rede (ABAN – Articulação Brasileira de Antropologia Negra) para pensarmos agendas e ações para nossas pesquisas. Ou seja, essa definição pode se alterar conforme os diálogos que formos tecendo.

Ademais, como aponta Dias (2021), a Antropologia possui uma espécie de dívida para com a população negra, da qual retirou grande parte das reflexões. Em uma lógica de dádivas, é necessário que se reconheça o lugar que nossos saberes ocuparam no pensamento antropológico e como, enquanto sujeitos, esse reconhecimento deveria ser direcionado a nós. É fundamental que o regime de trocas continue a existir a fim de que possa eventualmente dissolver sua atual assimetria.

As ideias que estamos construindo não têm um único autor, pois fazem parte de um coletivo que compartilha a experiência negra — embora diversa e complexa —, gerando confluências. Produzimos, assim, em temporalidades distintas e a partir de recursos que obtivemos diante dessas adversidades, pensamentos que não avan-



çam devido à natureza cosmo-fóbica do pensamento ocidental ou, a partir de outro conceito, devido ao epistemicídio mencionado no início deste texto.

Quando temos uma instituição com um projeto como o da Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira, que opera sob condições extremamente precárias de trabalho e de produção de saber, compreendemos as razões de tal situação. A Antropologia Negra, por ora unificada por uma luta política — embora diversa em seu interior e jamais consensual —, não se limita a denunciar o racismo, como afirmam alguns, embora combatê-lo seja uma condição essencial para sua existência. Afirmar que estamos apenas produzindo militância é desconsiderar os movimentos intencionais de apagamento de nossa produção — em outras palavras: existe uma “militância” para nos varrer da cena. Trouxemos contribuições que nem sempre foram referenciadas de maneira adequada e que, por serem localizadas, devem ser pensadas a partir de uma antropologia voltada para o negro e não apenas sobre o negro, como nos disse Oliveira (1977) a respeito do pensamento sociológico. Trata-se, portanto, de uma antropologia engajada.

Esses autores abordam uma questão política que nos afeta a todos em variados momentos históricos. Eles respondem ao racismo que nos atinge de diferentes formas, a partir de opções teóricas distintas. Embora essas opções sejam diversas, a motivação é a mesma. A metáfora do cosmos é útil para pensarmos, pois, ao mirarmos as luzes e seus processos de refração, encontramos formas de veicular pensamentos que possuem aspectos comuns. Várias faíscas de luz são refletidas em nosso pensamento. Este é e deve continuar sendo um pensamento múltiplo, como afirmou Lucas Pereira durante o debate da aula inaugural do PPGA da UFPB. Não é o espaço do pensamento unívoco e monolítico. Não é o espaço do apagamento, do medo da diferença.

Podemos conceber a Antropologia, assim como sugere Firmin (1992), como uma ciência holística, tal como o pensamento negro em sua diversidade. Uma ciência que considera os afetos como condição para sua existência, como sugerido em 1924 por Hurston (2021), e que envolve o corpo, conforme proposto por Dunham (1941). Os eventos acadêmicos da Unilab não ocorrem sem dança e sem comida; não acontecem sem música. Trata-se de uma ciência que valoriza a interdisciplinaridade, pois não deseja ser construída a partir de um único caminho.

É importante ressaltar que, se existe uma Antropologia Negra, também afirmo que existe seu correspondente oposto: a Antropologia Branca. Sobre a primeira, tentei esboçar um pontapé inicial que nos abre para as possibilidades de rever a Antropologia canônica. A respeito da segunda, podemos dizer que é a Antropologia que desconsidera contribuições não centradas no norte global branco. Trata-se de uma



Antropologia moderna, que pratica o apagamento de contribuições que não refletem a sua própria visão. Essa Antropologia produz equívocos sobre realidades não brancas e não reconhece esses equívocos como algo que poderia ser repensado a partir de mudanças de posturas éticas. Ela transforma tudo o que toca em objeto, mas não em sujeito.

Fazer essa reflexão nos leva a questionar se pessoas brancas podem realizar uma Antropologia Negra. Minha resposta é não. A Antropologia Branca pode adotar princípios antirracistas e se preocupar com as demandas negras, trazendo a literatura não branca para as ementas, engajando-se nos temas e buscando compreender o universo desse “novo” corpo discente que adentra as universidades públicas brasileiras. Contudo, corpos brancos somente poderão produzir práticas brancas. Isso não se deve a um essencialismo inerente a essa prática, mas à condição em que a racialidade é produzida (Carneiro, 2023).

Vivemos um momento efervescente de trocas e compartilhamento de ideias que me faz refletir se não estamos vivenciando uma situação semelhante àquela descrita por bell hooks (2023) sobre o feminismo na década de 1970 nos Estados Unidos, ou mesmo como um momento ainda mais próximo de nós em termos simbólicos, o Harlem Renaissance. É um momento em que pensamos coletivamente, em que já há uma repetição dos principais autores formando um *corpus* comum, mas ainda assim não temos consensos sobre nossas ideias. É um momento de intensa troca, pois somos numerosos e estamos, embora ainda de forma incipiente, conquistando espaços nas universidades. Estamos sendo vistos, embora nem sempre ouvidos plenamente. É um momento em que ecoamos vozes, em que dizemos e repetimos para que nossa voz se fixe. Não considero que um consenso deva existir nesse saber múltiplo. Devemos aceitar essa multiplicidade e dela nos nutrir.

O pensamento negro nem sempre esteve dentro da academia, e essa riqueza de perspectivas deve ser incorporada ao nosso fazer acadêmico. Às vezes, penso que sua institucionalização deve ser vigilante, para que não se torne elitista e afaste as pessoas que aqui não estão, como ocorreu com o feminismo (hooks, 2023). Não basta, portanto, apenas nos inserirmos na academia; precisamos vigiar nossa postura e manter nosso compromisso com o nosso povo.

Penso ainda que esse momento de efervescência nos dará futuramente elementos para pensarmos as contribuições que temos dado à Antropologia brasileira de forma prenhe de luz como no poema Luna de Beatriz Nascimento (2015, p. 74):



Prenhe de luz
Plenilúnio
Altiva força benfazeja
Um certo retornar
Ambiciosa e divina
Maliciosa (e) impulsiva
Incandescente (e) intempestiva
Serenidade anuncia
A quem te dirige o olhar.

Há de chegar o tempo em que toda essa efervescência se encontrará com as nossas potencialidades e, assim, encontraremos serenidade no nosso caminhar.



REFERÊNCIAS

- ANGELOU, Maya. **Até as estrelas parecem solitárias**. Tradução de Regina Lyra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2024.
- BENTO, Cida. **Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BOAS, Franz. **Race, Language, and Culture**. Chicago: University of Chicago Press, 1940.
- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro, Zahar, 2023.
- CONCEIÇÃO, José Maria Nunes Pereira. **Estudos africanos no Brasil e as relações com a África: um estudo de caso o CEAA (1973-1986)**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.
- DIAS, Luciana de Oliveira. Circuitos antropológicos: Por uma Antropologia Negra no Brasil. **Novos Debates**, v. 7, n. 2, 2021.
- DIOP, Cheikh Anta. **Antériorité des civilisations nègres: mythe ou vérité historique?** Series: Collection Préhistoire-antiquité négro-africaine. Paris: Présence Africaine, 1993.
- DUBE, John Langalibalele. **Insila kaShaka**. Marianhill: Marianhill Mission Press, 1930.
- DUNHAM. The Negro Dance. In: BROWN, Sterling Allen; DAVIS, Arthur Paul; LEE, Ulysses. **The Negro Caravan: Writings by American Negroes**. Nova York: Dryden Press, p. 990-1000.
- FIRMIN, Antenor. **De l'égalité des races humaines: Essai**. La Vergne, Tennessee: [s.n.], 1992.
- FLUEHR-LOBBAN, Carolyn. Anténor Firmin: Haitian Pioneer of Anthropology. **American Anthropologist**, v. 102, n. 3, p. 449-466, 2000.
- GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 25-49, jan./abr. 2016.
- HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2023.
- HURSTON, Zora. Como eu me sinto como uma pessoa de cor. Redenção. Fire! Revista **Ayé - Revista de Antropologia**, 2021.



JAMES, Cyril Lionel Robert. **The Black Jacobins: Toussaint L'Ouverture and the San Domingo Revolution**. New York: Dial Press, 1938.

LIMA ALCANTARA DE VASCONCELLOS, Hannah. Imaginando reencontros negros num tempo chamado hoje-ontem-amanhã. **Novos Debates**, v. 9, n. 2, p. 1–12, 2024. DOI: <https://doi.org/10.48006/2358-0097/V9N2.E9205>.

MEKOURIA, Tekle-Tsadik. **The Victory of Adwa, 1896: The Role of Emperor Menelik II and its Impact on the Ethiopian People**. Addis Ababa: Commercial Printing Press, 1994.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Beatriz. **Todas [as] distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento**. Organização de Alex Ratts e Betânia Gomes. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2015.

NILHA, Orlando. **Conceição Evaristo**. 1. ed. Campinas: Mostarda, 2021.

OLIVEIRA, Eduardo de Oliveira e. Etnia e compromisso intelectual. **Caderno da Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, p. 22-28, 1977.

PERSON, Yves. **Samori: Une Révolution Dyula**. Dakar: IFAN, 1968-1975. 3 v.

QUERINO, Manuel. **O colono preto como fator da civilização brasileira**. Cadernos do mundo inteiro: Jundiá, São Paulo, 2018.

RIBEIRO, Milton. Como é a sensação de ser um problema? A Antropologia Negra Brasileira e a construção de territórios da negritude na academia. **Novos Debates**, v. 7, n. 2, e7226, 2021.

RODRIGUES, Gilson José. Outra academia é possível? Apontamentos sobre produtividade e adoecimentos no “pós-pandemia”. **CTS em Foco**, v. 3, p. 47-63, 2023.

SALIH, Tayeb. **Season of Migration to the North**. Tradução de Denys Johnson-Davies. Londres: Heinemann, 1969.

